



## **AS CAMINHADAS PELA CIDADE: PRÁTICAS DE ESPAÇO EM TERESINA-PI NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990\***

**RAIMUNDO NONATO LIMA DOS SANTOS\*\***

Os caminhos percorridos por teresinenses – de ônibus, táxi, bicicleta, carona e a pé – nas décadas de 1980 e 1990, na capital do Piauí, constituem o foco desse estudo. Analisamos o contexto histórico desses itinerários urbanos, com base nas reflexões teóricas de Certeau (2008) e Pesavento (2007), que apontaram algumas faces materiais e subjetivas da cidade de Teresina.

Um dos grandes problemas que envolvem as cidades do Brasil e do mundo na atualidade é a questão da mobilidade urbana. O crescente aumento da população urbana e da frota de carros tem contribuído para a emergência de vários problemas de trânsito, como os congestionamentos e os acidentes. Uma das soluções para a questão da mobilidade urbana é a ampliação do sistema de transporte público, por meio de ônibus, trens e metrô. Porém, apesar de ser considerada uma das soluções para a melhoria do trânsito, este sistema encontra-se, na maior parte do país, em mau estado de planejamento e investimentos, causando transtornos à população local, tais como a superlotação, longo tempo de espera, alto valor das tarifas, precariedade dos transportes e linhas insuficientes.

Na cidade de Teresina, o problema da mobilidade urbana, ocorria desde a década de 1980, com o aumento da densidade demográfica. A frota de ônibus não atendia à demanda populacional, que se espalhava pelos muitos conjuntos habitacionais recém criados. Além de poucos ônibus e linhas insuficientes, o teresinense ainda sofria com o limite de horário, isto é, depois das dez horas da noite esse transporte público se escasseava a ponto de não circular mais nenhum ônibus durante a madrugada.

Pelo acordo firmado entre empresas de ônibus e a Prefeitura Municipal de Teresina, deveria circular um ônibus – conhecido popularmente como “Corujão” – de hora em hora para atender a população depois das 22 horas. Entretanto, na prática, esse acordo não era cumprido. Para discutir esse problema do transporte público, que afetava a maior parte da população teresinense, o jornal O Dia veiculou uma longa matéria, dividida em dois textos,

---

\* Esse texto é oriundo de um tópico, reduzido e modificado, do primeiro capítulo de nossa tese de doutorado, intitulada “Praticando espaços, entre acordos, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990”, defendida em 2016, na UFPE.

\*\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: raimundolima2011@ufpi.edu.br

sobre esse problema de mobilidade urbana, em sua edição do dia 21 de janeiro de 1984. Logo na primeira página, esse periódico destacou a manchete com o título “Ônibus após 22 horas é problema no subúrbio”. O termo “subúrbio” refere-se aos arredores de uma cidade, aos bairros afastados do centro.

No entanto, no Brasil o sentido conotativo e pejorativo de “subúrbio” é mais usual, ou seja, a ideia de uma área desprovida de urbanização em que geralmente a maioria dos moradores é de baixa renda. Em Teresina, acreditamos que o termo subúrbio foi utilizado em seu sentido denotativo, pois o problema dos transportes públicos afetava todos os bairros, inclusive aqueles que estavam começando a se enobrecer, a exemplo do Jôquei Clube (ÔNIBUS..., 1984).

A referida matéria do jornal O Dia, no primeiro texto: “Passageiro fala de ônibus”, ainda destacou muitos outros problemas que envolviam o sistema de transporte coletivo de Teresina. Os jornalistas desta empresa midiática entrevistaram alguns usuários de ônibus e estes apontaram os problemas e também sugeriram ações para superar as dificuldades. Entre os problemas, destacaram: o número insuficiente de ônibus, principalmente nos horários de pico (pela manhã cedo, ao meio dia e no final da tarde), provocando superlotação; linha “Corujão”, que atende apenas alguns bairros; a falta de troco no pagamento das passagens; a irregular distribuição dos horários dos ônibus, com intervalos passando dos trinta minutos e, muitas vezes, dois ônibus passando de uma só vez para o mesmo destino; motoristas que maltratavam os passageiros na “linha rápido” (destinada a levar os trabalhadores do Centro aos bairros no menor espaço de tempo, durante o meio dia), fazendo-os subir no ônibus em movimento e/ou submetendo-os a freadas bruscas (PASSAGEIRO..., 1984).

Entre as medidas para solucionar as dificuldades, os passageiros entrevistados sugeriram: Intervenção do Governo na direção das empresas de transporte coletivo, para controlar o preço das passagens, entre outras ações; concorrência de pelo menos duas empresas em cada linha, como já ocorria no bairro Mocambinho na Zona Norte; melhor salário para os motoristas, cobradores e demais funcionários das empresas de ônibus coletivos; construção de avenidas exclusivas, ligando o Centro aos bairros mais distantes; maior apoio da Semtram (Secretaria Municipal de Transportes Urbanos) às empresas de ônibus, construindo as avenidas exclusivas em toda a cidade, para o transporte coletivo e asfaltando todas as vias por onde trafegam os ônibus (PASSAGEIRO..., 1984).

A referida matéria do jornal O Dia, no segundo texto: “Usuários pedem mais transportes”, também destacou outros inconvenientes para quem necessitava pegar ônibus após as dez horas da noite, como o fato de que os motoristas evitavam parar em local que tinha muito estudante porque estes só pagavam meia-passagem (USUÁRIOS..., 1984).

O professor e diretor teatral Chico Filho, que na época também era estudante e fazia uso dos ônibus para se deslocar do Centro à Universidade Federal do Piauí na Zona Leste da cidade, também sofria com a precariedade do sistema de transporte coletivo de Teresina. Ele relatou em depoimento que,

*Logo assim, quase ninguém tinha carro... que limitava muito a mobilidade. [...] Eu morava no Centro, pouca gente morava no Centro. Lá no Centro ninguém pegava ônibus não [à noite, depois das 22 horas], [...] não tinha ônibus pra voltar de madrugada tinha que ficar [no Centro], ficava até de manhã, nem tinha dinheiro para pagar táxi também. [...] a dificuldade econômica era muito grande, [...] (CHICO FILHO, 2012).*

As fontes hemerográficas e orais apontaram que a falta de ônibus limitava muito a mobilidade urbana da maioria dos teresinenses, na década de 1980, em especial no turno da noite. Entretanto, é importante frisar que estes, por sua vez, não se dobravam passivamente às dificuldades econômicas. Esses cidadãos faziam uso de outros meios para poder se deslocar pela cidade. Utilizavam bicicletas, pegavam táxi, pegavam a “carona amiga” ou mesmo andavam a pé. Essas formas alternativas de deslocamento apontam a ideia do *sujeito ordinário* de Michel de Certeau (2008), que, de forma silenciosa, subverte a ordem dominante, no caso, limitação da mobilidade urbana das pessoas de baixa renda devido à escassez de transporte coletivo, e transforma sua realidade, reapropriando-se do espaço organizado pelos mecanismos da produção sociocultural vigente.

Com referência ao uso de bicicletas, tal prática rendeu a Teresina o título de segunda cidade do Estado (a primeira foi Campo Maior, que ainda se tornou a cidade do Nordeste a ter maioria no contingente de usuários desse transporte) com maior número de ciclistas – com mais de cem mil ou passando de um terço da população – na primeira metade dos anos 1980 (CICLISTA..., 1984).

O uso *ordinário* de bicicletas, como alternativa aos ônibus, por um lado amenizava os problemas de mobilidade urbana, por outro lado criava problemas no trânsito, pois a cidade de Teresina não estava preparada (não havia criado *estratégias*) para disciplinar o tráfego desses veículos populares, que aumentavam a cada dia.

O pensador francês Michel de Certeau (2008, p. 99) define “estratégia” como “o cálculo ou a manipulação das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. A principal característica da “estratégia” é possuir um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Esse lugar possibilita vários efeitos, tais como: 1) a vitória sobre o tempo, permitindo reunir vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter independência em relação à variabilidade das circunstâncias; 2) o domínio dos lugares pela vista, por meio da prática panóptica, ou seja, a partir de um lugar onde a visão possa transformar os “inimigos” em objetos observáveis, mensuráveis, controláveis; 3) o desenvolvimento de um poder que fortalece o saber e vice-versa, para transformar as incertezas da história em espaços legíveis.

O jornal O Dia, em uma de suas matérias, discutiu a questão da falta de *estratégias* do poder público em relação ao crescente tráfego de ciclistas na cidade. E, apesar de mostrar a complexidade desse tema, foi taxativo com essa problemática urbana, sentenciando logo no título “Ciclista, o eterno problema no trânsito”.

*É cada vez maior o número de ciclistas que percorrem as ruas de Teresina e para essas pessoas, não existem sinalizações para orientação no trânsito movimentado. [...] Segundo fontes do Departamento Nacional de Trânsito no Piauí (Detran-PI), a cidade não dispõe de equipamentos para orientação dos ciclistas, [...] Para o grande contingente de usuários de bicicletas teresinenses, o Detran não tem nada a oferecer a não ser recomendações e cautela uma vez que a própria entidade afirma não haver infraestrutura adequada aos ciclistas. [...] (CICLISTA..., 1984: 5).*

Os problemas que envolviam o tráfego de bicicletas na cidade de Teresina não se resolveram na década de 1980 nem em décadas posteriores. Esse veículo popular continuou sendo utilizado como substituto ou em paralelo ao uso de ônibus. Na falta desse último, como comentamos anteriormente, o teresinense fazia uso de outros meios, como a bicicleta e o táxi.

Os táxis eram utilizados pela maioria da população teresinense, que era de baixa renda, em situações especiais, como o deslocamento de noivos para o casamento e/ou de emergência, para transportar acidentados aos hospitais, entre outras. Mas também havia os casos em que alguns teresinenses perdiam o último ônibus das dez horas da noite e não queriam passar muito tempo esperando o “Corujão” (quando havia, pois este ônibus em horário especial não atendia a todos os bairros). Nessas circunstâncias, faziam uma economia de tempo pegando o táxi, geralmente no Centro da cidade, depois de participarem de eventos

nos espaços culturais como o Theatro 4 de Setembro e a Central de Artesanato, até suas residências nos bairros.

Entretanto, essa economia de tempo às vezes resultava em prejuízo financeiro. Isso ocorria porque além do preço da corrida do táxi ser bem superior à passagem de ônibus, ainda havia o caso de taxistas desonestos que exploravam seus clientes, especialmente no período noturno quando escasseavam outras possibilidades de locomoção. Para evitar esses abusos e melhorar a relação entre taxistas e clientes, o sindicato da categoria, em 1986, estipulou uma tabela de preços das corridas, disciplinando a cobrança das tarifas naquele sistema de transporte de passageiros. Porém, alguns motoristas desrespeitavam essas recomendações, cobrando valores acima do tabelado. (TÁXIS..., 1986, p. 7).

Em meio às cobranças abusivas de alguns taxistas e o alto valor das corridas, em comparação com a passagem dos transportes coletivos, aos teresinenses que queriam chegar rápido a seus destinos e não dispunham de ônibus devido aos problemas mencionados anteriormente, restava apenas a prática de pedir caronas.

Cabe ressaltar que, entre os estudantes universitários da UFPI, essa prática de pedir e dar caronas virou um costume na década de 1980. Por meio de um acordo tácito os estudantes que possuíam carro eram “obrigados” a dar carona a quem se destinasse à UFPI e chegavam ao ponto, em alguns casos, de colar uma placa no carro com a frase “Carona Amiga” (NASCIMENTO, Edna, 2015).

O ator Maneco Nascimento foi um desses estudantes que, apesar de não estudar na UFPI, fazia uso dessa “Carona Amiga”. Este, por sua vez, não se destinava ao campus universitário da Ininga, mas ao bar Nós e Elis, que ficava localizado em suas proximidades. Depois de uma noitada nesse espaço boêmio, ele voltava para casa de carona. E quando não dispunha desse “socorro amigo”, ia a pé para casa (da Zona Leste no bairro Fátima até a Zona Sul no bairro Piçarra), caminhando pelas ruas desertas da Cidade Verde. (NASCIMENTO, 2012).

O ator e produtor cultural João Vasconcelos foi outro boêmio que curti a noite teresinense na década de 1980 e depois voltava para casa a pé, devido à falta de ônibus na madrugada. Ele morava no Monte Castelo, bairro vizinho à Piçarra onde residia Maneco Nascimento, e se deslocava até a boate Doce Vida, do proprietário Leal Filho, que ficava localizada na Avenida Dom Severino, no bairro Jóquei Clube (VASCONCELOS, 2015).

A prática da “carona amiga” e as “caminhadas pela cidade” constituíam-se como um fenômeno, fruto de um período histórico marcado, entre outros motivos, pela escassez de ônibus; por uma grave crise econômica que dificultava sobremaneira a aquisição de bens duráveis, como automóveis; pela existência de muitas ruas da cidade ainda sem cobertura de asfalto, fato que amenizava as altas temperaturas; por causa dos baixos índices de violência urbana, como assaltos e homicídios; e também pelo prazer de se confraternizar com os amigos nas caminhadas e caronas e/ou conhecer novas pessoas nessa última prática cultural. A regularidade dessas práticas cotidianas foi se configurando como um hábito do teresinense ou de uma parcela dessa sociedade, formada por jovens e estudantes.

A prática cotidiana das “caminhadas pela cidade” perdurou até meados dos anos 1990. Todos os nossos entrevistados compartilhavam dessa prática de andar a pé pelas ruas e avenidas de Teresina, cruzando a cidade de norte a sul e do centro<sup>1</sup> ao leste. Entendemos essas “caminhadas dos teresinenses pela cidade” como sendo as “práticas de espaço” discutidas teoricamente por Michel de Certeau (2008). Ou seja, esse pensador francês defende a tese de que os passos moldam/tecem os espaços. São como palavras escritas em movimento, que poderiam ser definidas na sequência passos-traços-trajetória. O ato de caminhar é entendido como espaço de enunciação, onde caminhar é falar com os pés. Essa enunciação pedestre dos sujeitos ordinários teresinenses ocorria em todos os horários, porque a cidade, como já comentamos, era menos violenta, e/ou porque havia uma interação com os espaços e as gentes que habitavam e também transitavam nesses espaços, gerando assim certa familiaridade que evitava/reduzia os conflitos. Outro fator que explica esses passos enunciativos, sem restrições de horários, é o fato de que os teresinenses já estavam acostumados com o calor e também porque, até meados dos anos 1980, a cidade possuía poucas ruas asfaltadas. Ou seja, o calçamento era menos quente que o asfalto.

Essa questão do calor que acompanhava as caminhadas pela cidade foi comentada por Edna Nascimento, que também atribuiu a diminuição dessa prática na atualidade ao aumento da temperatura e da violência urbana. Segundo essa professora,

*[...] a gente andava muito aqui era a pé! Hoje a gente não anda mais a pé. Não sei é porque a temperatura tá mais, né. Esquentou muito. A gente andava muito a pé. Saía da universidade aqui [UFPI] a pé. Passava a ponte ia lá pra o outro lado, não*

---

<sup>1</sup> A região oeste da capital do Piauí corresponde à cidade maranhense de Timon, do outro lado do Rio Parnaíba, onde a prática de caminhar por longos trajetos também era comum, inclusive até o Centro de Teresina cruzando a ponte João Luís Ferreira, mais conhecida pelos timonenses como “Ponte Velha”.

*tinha problema nenhum. [...] Qualquer horário. A gente não precisava nem de protetor solar (risos). [...] E hoje você vê né. Pena a gente não andar a pé, por causa da violência né. (NASCIMENTO, Edna, 2015).*

O músico Geraldo Brito, que morava no Centro da cidade, entre as Ruas Arlindo Nogueira e Quintino Bocaiúva, próximo ao Colégio Dom Barreto, nas décadas de 1980 e 1990, também comentou essa questão do calor em suas caminhadas pela cidade. Ele chegou a afirmar, em seu depoimento, que não se queixava das altas temperaturas, porque

*[...] A gente se acostumou com isso de calor. O costume era esse. Antes é... Em 70 começou esse negócio de asfalto. Começaram a asfaltar a cidade em 1970. Antes não tinha não. Era tudo calçamento e eu noto que era um pouco, menos quente. Essa coisa do asfalto esquenta muito. Evapora. E até 1969 foi assim. (BRITO, 2015).*

O guitarrista Geraldo Brito desenvolvia a prática de andar a pé, juntamente com seus amigos, desde os anos 1970 e manteve-a até a primeira metade dos anos 1990. Em conformidade com o pensamento de Certeau, podemos ponderar que esses passos errantes eram guiados pelos nomes próprios da cidade, nomes de ruas, como Treze de Maio; de avenidas, como Frei Serafim; de praças, como Da Liberdade; de casas de divertimentos, como o bar Love History etc. e por símbolos dos quais o caminhante joga com seus sentidos. Um desses símbolos era a ponte Juscelino Kubitschek, sobre o rio Poti, que liga a Zona Centro à Zona Leste da cidade. O percurso por essa ponte simbolizava a travessia entre o passado (os limites de expansão territorial do projeto de fundação da cidade, que, no sentido oeste-leste compreendia apenas a região entre os rios Parnaíba e Poti), o presente (a ultrapassagem do projeto de expansão inicial da cidade, indo além do rio Poti, com a formação de núcleos urbanos na Zona Leste e na região da futura Zona Sudeste) e um futuro iminente (a grande ocupação populacional das Zonas Leste e Sudeste e o conseqüente aumento do fluxo urbano com a região central, com a construção de mais pontes sobre o rio Poti).

A travessia desses tempos, com os passos errantes da turma de amigos (boêmios) de Geraldo Brito, em alguns casos se destinava aos bares da cidade que ficavam do outro lado do rio Poti. Esses longos trajetos eram compensados, no lugar de destino, com muitos goles de cerveja gelada ao som de artistas consagrados da MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gal Costa. Segundo o depoimento de Geraldo Brito (2015), essas errâncias, travessias temporais, interação com espaços e gentes e atualização artístico-musical, ocorriam com muita tranquilidade, em qualquer horário do dia ou da noite.

Essa tranquilidade no ato de caminhar por uma capital ainda provinciana foi reforçada pelo poeta Cineas Santos e pela atriz Lari Sales. A crônica de Cineas Santos (2012), “Um jeito novo de iniciar o ano”, se aproxima muito do depoimento de Geraldo Brito, pois também destaca o fato de que *naquele tempo* “se podia atravessar a cidade inteira, do Poti Velho à Tabuleta, sem risco de ser molestado”. As raras abordagens que encontravam pelo caminho geralmente eram de algum “bêbado tresmalhado que pedia um cigarro ou um trocado para mais um gole de pinga”.

Nas caminhadas pela cidade de Cineas, ele encontrava outros poetas, geralmente notívagos, liderados por William Melo Soares, que, assim como Geraldo Brito e seus amigos, perambulava por bares e botequins discutindo política, poesia e paquerando as mulheres disponíveis. O poeta, na crônica “A crueza dos contrastes”, também encontrava vendedores de frutas pelas ruas da cidade, uma cena comum até o começo da década de 1990, ofertando no grito, tucum, bacuri, bacupari, pequi, pitomba, umbu, cajá, entre outras frutas silvestres. O poeta reconhecia à distância esse comércio informal com cores, gostos e cheiros. Em alguns momentos, esses odores urbanos guiavam os seus passos.

Na crônica “Cheiros de Teresina”, Cineas Santos (2012) afirma poeticamente que a cidade material tornava-se sensível, passando a ser reconhecida por seus cheiros. O bairro Poti Velho, onde os rios Parnaíba e Poti se encontram, exala o odor de peixe fresco; no antigo cais do rio Parnaíba sente-se um cheiro repulsivo de fezes e urina; no Mercado Central têm-se uma mescla de cheiros de suor, frituras, café, fumo e cachaça; o bairro Tabuleta, um dos pontos de referência para saída da cidade, exala cheiro de pneus, de graxa, de poeira, de estrada, de lonjuras; na Avenida Marechal Castelo Branco sente-se um cheiro de lama que vem do rio Poti; e a Zona Leste, exala o odor *moderno* das residências e apartamentos de *alto status*.

Esses *odores urbanos*, narrados na crônica de Cineas Santos, nos levam a refletir sobre as cidades sensíveis e imaginárias apontadas por Sandra Jatahy Pesavento (2007). Esta historiadora sugere que a análise no campo temático de *história e cidades* vá além da materialidade urbana, podendo também se observar as formas sensíveis de como as cidades se constituem.

Essa análise das *sensibilidades urbanas* ou uma *história cultural da percepção* também foi apontada pelo historiador inglês Peter Burke (2005). Ele comentou o estudo de Simon Schama – “Rembrandt’s Eyes” – que apresentou a cidade de Amsterdã, no século

XVII, a partir de uma perspectiva dos cinco sentidos. Ele sugeriu uma geografia da cidade a partir dos cheiros de sal, madeira podre, fezes humanas, ervas e especiarias; descreveu os sons urbanos dos muitos relógios, das águas dos canais batendo nas pontes. Outro historiador que também dedicou estudos sobre o cheiro, citado por Burke, foi o francês Alain Corbin. Na obra “Saberes e odores”, ele desenvolveu um estudo sobre o que chamou de “imaginação social francesa”, destacando os modos de percepção, as sensibilidades, o simbolismo dos cheiros e as práticas higiênicas. Na perspectiva de Corbin, os cheiros são investidos de valores culturais, portanto, são históricos. Essas abordagens históricas sobre os cinco sentidos humanos indicam que eles constituem um tema relevante para os estudos no campo da história da cultura. Em sua análise historiográfica, Peter Burke explica que até o momento os historiadores estão fazendo uma distinção entre a “cultura do cheiro” desodorizada do século XX e a de períodos anteriores.

Essa tranquilidade no ato de caminhar, sentindo os cheiros, sabores, sons, cores e formas da capital piauiense foi apontada também no depoimento da atriz Lari Sales, que destacou ainda o prazer que se tinha de andar em grupo. A memória individual dessa atriz construiu um quadro social em que amigos, na década de 1980, sempre andavam juntos na escola, na universidade, nas igrejas, nas casas uns dos outros, nas praças, nos bares, nas boates, em eventos culturais por toda a cidade. A formação de grupos, de turmas constituía a geração de jovens daquela época. No caso dos artistas, isso não era diferente. Os atores, por exemplo, não se reuniam apenas para produzir um espetáculo teatral. Aquela rotina de trabalho, de muitos ensaios e estudos, fortalecia as amizades que eram reiteradas continuamente, rompendo as fronteiras do espaço cênico. Condizente com essa realidade, a atriz Lari Sales relatou eufórica que

*Todo mundo andava a pé. Andava a pé e não importa a hora. A gente... eu nunca fui importunada, na rua. Nem assaltada, nem uma agressão. E a gente podia andar a qualquer hora. A gente andava mesmo era de turma, de grupo. [...] [Se] Eram três grupos de teatro, então tinha três grupos, né. E uns que saíam de uns e formavam um quarto grupo. Então, era muito assim, Lorena, Carmem, Lari, Ací, Wilson. Eram mais essas pessoas que faziam esse movimento todo. (SALES, 2015).*

A atriz Lari Sales apontou, no seu depoimento acima, algumas pessoas que integravam os grupos de andarilhos, como Carmem Carvalho, Wilson Costa e os irmãos Ací e Lorena Campelo. Esta última ampliou a lista de andarilhos, citando os componentes de sua turma do Grupo Raízes de Teatro, que eram Lili, Lima Limão, André, Tânia e seu irmão Ací. As caminhadas da turma de Lorena Campelo ocorriam desde o final dos anos 1970, e uma das

coisas que movia esse grupo de amigos, além do prazer de caminhar, eram os ensaios na casa do primeiro diretor do Grupo Raízes, Elzano Sá, que ficava localizada no bairro Vermelha, na Zona Sul da cidade. Esses jovens atores e atrizes caminhavam da Zona Norte à Zona Sul e às outras regiões da cidade, para ensaiar suas peças, assistir e apresentar espetáculos teatrais em escolas, igrejas, praças e também para conversar na Galeria do Theatro 4 de Setembro, que era o principal ponto de encontro dessa turma.

Na coleta do depoimento da atriz Lorena Campelo, nós questionamos o motivo de sua turma de amigos não utilizar os ônibus para se deslocar pela cidade. Ela respondeu tranquilamente que era

*Porque a gente não tinha esse costume. Não tinha esse hábito de andar de ônibus. E o ônibus era escasso. Então, como a gente andava muito a pé... muito mesmo. Todo mundo numa boa ia pra lá e pra cá. [...] A década de 80 até 86 eu me lembro nitidamente que a gente frequentava aquele teatro [Theatro 4 de Setembro] todo dia. Ficava na frente ali [conversando. Depois] Saía pra noite, para os bares. (CAMPELO, Lorena, 2015).*

O deslocamento a pé para os bares da cidade foi mencionado pela atriz Lorena Campelo, pelo músico Geraldo Brito e pelo dramaturgo Ací Campelo. Esse dramaturgo piauiense era um assíduo frequentador desses espaços boêmios e o principal tema das discussões era arte e política cultural. Do bairro Mafuá na Zona Norte ele e sua turma de amigos se deslocavam para todas as regiões da cidade. Em seu depoimento ele registrou que

*[...] você caminhava para o Parque Piauí... caminhava de pé até... O Parque Piauí tinha um grande point cultural que era o Centro do CSU. Fazia festival de música. Era um espaço nobre. Fazia teatro também. Tinha grupos de teatro no Parque Piauí, dois, três grupos. E se discutia a cultura no Parque Piauí. Ele fez me parece cinco festivais de música onde saíram muitos cantores piauienses. E a gente ia a pé. TV Clube... a TV era a única da cidade. Tinha um bar chamado Pindorama... Panorama, bem no pé da TV Clube onde também era bastante frequentado. Você atravessava a cidade a pé norte e sul e leste oeste. Você saía do teatro [4 de Setembro] e ia comemorar no Nós e Elis. Quem não tinha carro ia a pé. Eu não tinha problema nenhum. (CAMPELO, Ací, 2015a).*

Um dos frequentadores e participantes dos festivais de música realizados no bairro Parque Piauí, comentados por Ací Campelo, foi o músico Aurélio Melo, que fazia parte do Grupo Candeia e tinha a cidade de Teresina como fonte de inspiração para o trabalho musical desta banda. Nas caminhadas pela cidade Aurélio Melo, Zé Rodrigues, Rubeni Miranda, Paulo Aquino, Netinho da Flauta e Nonato Monte sentiam as vibrações sensíveis e imaginárias que exalavam da cidade material. O concreto das casas e prédios e as pedras dos calçamentos das ruas transformavam-se em testemunhas das idas e vindas desses andarilhos;

as praças, esquinas e becos acolhiam e eram acolhidos por esses artistas, que curtiam cada instante entre si e com o espaço que lhes rodeava.

A trajetória artística do maestro Aurélio Melo foi acompanhada por sua paixão pela cidade de Teresina. E, foi com essa passionalidade, mantida até o atual momento de sua vida, que ele relatou suas lembranças sobre *sua* Teresina dos anos 1980.

*Bem, a Teresina dos anos 80 pra mim, ela foi mais ou menos fonte de inspiração para o começo do meu trabalho. Era uma cidade simples, que você podia muito. Aliás, hoje ainda eu faço, mas só que naquela época fazia mais, andar à pé pela cidade. Então, muito dessas coisas, essas canções que a gente fazia tinha muito a ver com o fato de andar à pé, pela cidade. É onde você realmente tem oportunidade de sentir as vibrações. Cada esquina, praça e tudo. A gente fazia muito isso. Então, no meu modo de ver isso é uma coisa que nós perdemos um pouco. De curtir um pouco, uma praça, cinema. Tá certo?! Os bares. Sair, caminhando. Passar um tempo bebendo e de repente num barzinho e voltar pra casa à pé. Tá certo?! Então, hoje se Teresina te oferece um bocado de opção, mas também você perdeu essa daí. Que pra mim, pra mim, pra outras pessoas pode não significar nada. Mas pra mim, para o meu trabalho, tá certo?! Isso que Teresina nos oferecia, nos anos 60, 80 aliás, 80. Que hoje a gente já não... (MELO, 2015).*

Nas caminhadas pela cidade de Teresina, entre ruas, becos, esquinas, praças, casas, prédios, cinemas e bares, Aurélio Melo via e sentia o contato entre as pessoas. Essa interação social constituía para este músico o fundamento da existência humana. Com efeito, toda materialidade urbana ganhava um novo sentido com as práticas sociais. Essas práticas transformavam os *lugares*, em *espaços*, em guardiães da memória de um povo que eram contemplados por Aurélio e sua turma de amigos.

O historiador francês Michel de Certeau (2008) concebe “lugar” como uma ordem racional, onde os elementos que o compõem estão dispostos de forma estável. Nessa ordem impera a lei do “próprio” (lugar do poder e do querer próprios), onde os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que o define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições, sem movimento e sem temporalidade. Sendo que os elementos que ocupam cada uma dessas posições estão inertes, sem vida, petrificados pela ação racional de quem os produziu. Já “espaço” ele concebe como o efeito produzido pelas vivências sociais nesses lugares que o orientam, circunstanciam, temporalizam e o levam a funcionar em situações conflituais, sem estabilidades. Em síntese, o *espaço é o lugar praticado*. Certeau cita o exemplo de uma rua que é geometricamente definida por um urbanismo. Enquanto está vazia, sem habitações próximas, ela é apenas um “lugar”. Quando ela é percorrida por pedestres, eles a transformam em “espaço”, isto é, a rua, um “lugar” [inerte, com elementos (casas, prédios, postes etc.)

distribuídos em relações de coexistência, situados uns ao lado dos outros, cada um posicionado num lugar “próprio” e distinto que o define] transforma-se em “espaço” com as ações dos sujeitos históricos que dão vida a este lugar.

O conceito de “espaço” de Certeau fica mais claro quando ele analisa os percursos e os mapas a partir das descrições orais de lugares, narrados de um apartamento, e de relatos de rua. Essas descrições são do tipo *mapa* (“ver”, síntese da observação) e *percurso* (“fazer”, operações, práticas de espaço), sendo que no corpus (de descrição de lugares) nova-iorquino prevalece o tipo “percurso”. Enquanto se narra, pratica-se o espaço. Diante desse pressuposto, Certeau questiona: como se articula um “fazer” (percurso – práticas de espaço – operações) e um “ver” (mapa – síntese do observado)? Ele mesmo responde dizendo que esses elementos são interdependentes e complementares, uma vez que numa mesma narração percebe-se a presença de descritores de um mapa e de percursos.

Certeau explica que antes do nascimento do discurso científico (séculos XVI-XVII), os primeiros mapas constituíam-se como “livros de história” e não como “mapas geográficos”. Isto é, o “ver” determinava o percurso a “fazer”, incluindo etapas a efetuar e acontecimentos a realizar durante a viagem. Com a evolução dos mapas, eles passaram das descrições de percurso (“fazer”), com ilustrações e glosas icônicas textuais, à autonomia do “puro ver” (os atuais mapas que conhecemos).

Nesse processo de distinção entre “espaço” e “lugar”, Certeau cita a fenomenologia de Merleau-Ponty, que distingue o “espaço geométrico” (equivalente ao “lugar” de Certeau) do “espaço antropológico” (equivalente à ideia de “espaço” de Certeau). Esse “espaço antropológico” é experienciado, exprime a estrutura essencial do ser, como ser situado em relação com um meio, situado por um desejo e plantado no espaço de uma paisagem. Nessa perspectiva, existem espaços, assim como existem *experiências espaciais* que exprimem o existir no mundo.

Em nosso trabalho nos fundamentamos nas concepções de “espaço” e “lugar” de Certeau. No entanto, para efeitos didáticos e informativos, se faz mister ressaltar que, na contramão dessa teoria de Certeau e de Merleau-Ponty, há os estudos do antropólogo Marc Augé (2012) e da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2007).

O antropólogo concebe “lugar”, ou “lugar antropológico”, como uma construção concreta e simbólica do espaço, partilhada por todos que nele vivem. É simultaneamente

princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. Possui dois conjuntos de características: no primeiro é identitário, relacional e histórico; no segundo é geométrico, com seus itinerários, cruzamentos e centros.

A geógrafa define “lugar” como o espaço do vivido, das relações cotidianas, onde é possível conhecer e reconhecer pessoas, espaços, estruturas físicas (naturais e construídas pelo homem), onde é possível transitar a pé, com objetivos definidos ou gratuitos, onde é possível flunar, sem riscos iminentes. Esse “lugar” se configura nos bairros, nas praças, nas ruas ou nas pequenas cidades. Ela desconsidera a metrópole como lugar, com exceção de alguns bairros desta. Mas no geral, a metrópole se constitui como o espaço do impessoal, da não circulação de pedestres, da mundialização. O “lugar” é a base para a reprodução da vida, analisado pela tríade “habitante-identidade-lugar”. É o espaço apropriado e sentido pelo corpo, onde se constrói uma história particular, onde o trajeto dos corpos articula o privado e o público, o individual e o coletivo, o necessário e o gratuito.

Em síntese, as práticas sociais cotidianas para Marc Augé e Ana Fani Alessandri Carlos transformam o espaço em *lugar*; já Michel de Certeau pensa de forma contrária, ao afirmar que são essas práticas sociais que transformam o lugar em *espaço*. Reiteramos, seguimos a concepção de Certeau.

Nas “flaneries coletivas”, de Aurélio Melo e sua turma de amigos, eles observavam os *fantasmas da cidade*, sonhando com uma cidade imaginária, invisível e sensível. Alguns desses *fantasmas urbanos* outrora foram *lugares praticados* (“espaços” na concepção de Certeau), portanto estão recheados de histórias fragmentárias e isoladas em si, estão repletos de tempos empilhados à espera de um observador que decifre aquele quebra-cabeça, aqueles enigmas e articule as vivências dispersas, construídas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 2008).

Os *fantasmas da cidade*, na concepção de Certeau (2008), são prédios, estátuas, árvores, parques, móveis, talheres, fotos, brinquedos, entre outras ruínas do passado que se apresentam como personagens que contam a história, não didática, de uma cidade. Esse patrimônio histórico também é concebido simbolicamente como deuses locais, espíritos do *lugar*.

Ao ser questionado por nós sobre o que via nas suas andanças, o maestro Aurélio Melo transbordou de emoção. Seus olhos se umedeceram além do normal, quase lacrimejaram e seu

olhar se dirigiu ao infinito ou, melhor dizendo, ao tempo de sua juventude. Nesse *tempo da memória*<sup>2</sup> ele não *via* a cidade, mas *sentia-a*. E, entre essas sensações, a

*[...] Primeira coisa é a presença das pessoas. A presença das pessoas pra você olhar, conversar. Você parar numa esquina. Pra mim isso tem um significado! Parar numa esquina olhar para uma janela, para um casarão. Tá certo?! Aqui na Frei Serafim eu cansei de fazer isso. Tinha uns casarões aqui que hoje já foram derrubados. Tá certo?! Que a gente parava. De repente a gente vinha caminhando parava e sentava ali no chão e ficava conversando. Ficava contemplando, discutia sobre né, a casa e tudo. “Ah, que aqui poderia ser um teatro”. “Nós poderíamos fazer isso aqui assim”. E aí de repente você amanhecia o dia ali. (MELO, 2015).*

Entre os casarões provavelmente contemplados por Aurélio Melo e sua turma, estava a antiga casa dos governadores Pedro Freitas e Eurípedes de Aguiar, os prédios que abrigaram a “Casa Dôta” e o antigo colégio Demóstenes Avelino (TERESINA..., 1989).

A antiga casa dos governadores Pedro Freitas e Eurípedes de Aguiar ficava localizada na segunda quadra, lado direito da Avenida Frei Serafim com a Rua Quintino Bocaiúva. Ela foi construída no final do século XIX pelo jurista Helvídio Clementino de Aguiar, que morou com seus filhos, incluindo Eurípedes de Aguiar, que depois se tornou governador do Piauí. Segundo os estudos do agrônomo Matias Augusto de Oliveira Matos, a arquitetura desta casa era do

*[...] tipo fazenda, com arcos e varandão na frente, situada no meio do terreno e cercada por muitas fruteiras, tinha paredes largas, pé direito alto, teto sustentado por carnaubeiras e telhado de longas telhas artesanais. Conforme relato de Dona Helena de Aguiar Jacques (JACQUES, 1976, p. 1), toda a quadra, no final dos anos de 1800, era chamada de chácara Araponga e pertencia a seu pai, Helvídio Clementino de Aguiar [...]. (MATOS, 2011: 89).*

O governador Pedro Freitas (1951-1955) adquiriu essa casa em 1937 e, além de residir com sua família, utilizou-a como local de reuniões políticas e também para a tomada de decisões administrativas. Entre os participantes dessas reuniões estavam os governadores Antonino Freire e Petrônio Portela. A partir de 1980, nesta casa passou a funcionar temporariamente o Colégio Pró-Campus, que depois de alguns anos mudou para a Rua Rui Barbosa no Centro da cidade. Em 1989 o prédio estava abandonado e na iminência de ser tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Piauí, quando foi demolido arbitrariamente. Após a demolição, o terreno foi vendido e, em seu lugar, foi construído em 2001 o moderno Metropolitan Hotel (MATOS, 2011; NOSSA..., 2010; TERESINA..., 1989).

---

<sup>2</sup> Um tempo que não se prende a cronologias, nomes próprios ou demarcações geográficas. Um tempo disperso, fragmentado e atualizado constantemente no ato de recordar.

Outro casarão atentamente observado por Aurélio Melo e sua turma foi o prédio que abrigou a loja comercial “Casa Dôta”, que ficava localizada na Rua Simplício Mendes no Centro da cidade. Esta casa teve sua estrutura arquitetônica modificada (e descaracterizada) no final dos anos 1980 (TERESINA..., 1989).

O maestro Aurélio Melo, em sua juventude nos anos 1980, também ao “Parar numa esquina [e] olhar para uma janela, para um casarão” avistava as ruínas do antigo colégio Demóstenes Avelino, localizado na esquina das ruas Coelho Rodrigues e Arlindo Nogueira, no Centro da cidade, na praça de mesmo nome, mas que é mais conhecida como Praça do Fripisa. No final da década de 1980, este prédio estava prestes a desabar, com paredes rachadas, depredadas e pichadas, telhado estragado, janelas quebradas e pintura totalmente desbotada. As ruínas desse antigo casarão estavam servindo apenas para abrigar usuários de drogas, para a colagem de propagandas políticas e de lojas comerciais.

Este casarão não foi demolido nas décadas de 1980 e 1990. E os sonhos de Aurélio Melo e sua turma também não foram realizados. Isto é, o prédio não foi transformado em teatro ou utilizado de forma similar pela sociedade civil. Ele foi restaurado e, no começo dos anos 2000, funcionou um Café em suas dependências, depois cedeu espaço para uma Autoescola.

A análise dos deslocamentos urbanos na cidade de Teresina, nas décadas de 1980 e 1990, nos fez perceber diferentes práticas de espaço. A materialidade da problemática que envolvia o transporte coletivo, no referido período, era acompanhada por práticas sensíveis de subversão dessa ordem. Isto é, ao modo do sujeito ordinário de Certeau (2008), o teresinense, especialmente o de baixa renda, não deixava de circular pela cidade por restrições econômicas e/ou pela precariedade do sistema de transporte coletivo. Esses cidadãos desenvolviam suas práticas de espaço, utilizando bicicletas, pegando táxi, pegando a “carona amiga” ou mesmo andando a pé. Nessas “caminhadas pela cidade” eles percebiam as cidades sensíveis e imaginárias apontadas por Sandra Pesavento (2007), com seus múltiplos cheiros, sabores, sons, cores e formas.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. – 9 ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

BRITO, Geraldo Carvalho de (Geraldo Brito). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 22 jun. 2015.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMPELO, Francisco Ací Gomes (Ací Campelo). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 11 maio 2015a.

CAMPELO, Lorena Gomes de Sousa (Lorena Campelo). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 11 maio 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHICO FILHO (Francisco Alves Filho). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 12 jun. 2012.

CICLISTA, o eterno problema no trânsito. **O Dia**, Ano XXXIII, nº 6673, Teresina (PI), sexta-feira, 09 mar. 1984. p. 5.

MATOS, Matias Augusto de Oliveira. **Avenida Frei Serafim**: lembranças de um tempo que não acaba. Teresina: W LAGE – Alínea Publicações Editora, 2011.

MELO, Raimundo Aurélio de (Aurélio Melo). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 12 e 19 jun. 2015.

NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do (Edna Nascimento). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 18 jun. 2015.

NASCIMENTO, Maneco. Eli(a)s & Nós. (2012). **Leia-se**, sábado, 7 de julho de 2012. Disponível em: <<http://manekonascimento.blogspot.com.br/2012/07/elias-nos.html>>. Acesso em: 23 set. 2015.

NOSSA história. **Colégio Pró-Campus**. (2010). Disponível em: <[http://www.procampus.com.br/conteudo\\_junior.asp?id=3268](http://www.procampus.com.br/conteudo_junior.asp?id=3268)>. Acesso em: 25 set. 2015.

ÔNIBUS após 22 horas é problema no subúrbio. **O Dia**, Ano XXXII, nº 5635, Teresina (PI), sábado, 21 jan. 1984. p. 1.

PASSAGEIRO fala de ônibus. **O Dia**, Ano XXXII, nº 5635, Teresina (PI), sábado, 21 jan. 1984. p. 4.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de Junho de 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002)>. Acesso em: 24 abr. 2010.

SALES, Maria do Rosário (Lari Sales). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 15 maio 2015.

SANTOS, Cineas. **Cacos de mim**. Teresina: Halley, 2012.

TÁXIS não circula com tabela para passageiros. **O Dia**, Ano XXXIV, nº 8.015, Teresina (PI), sexta-feira, 10 jan. 1986. p. 7.



TERESINA perde sua história. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8987, Teresina (PI), quarta-feira, 5 abr. 1989. p. 7.

USUÁRIOS pedem mais transportes. **O Dia**, Ano XXXII, nº 5635, Teresina (PI), sábado, 21 jan. 1984. p. 5.

VASCONCELOS, João Batista Sousa (João Vasconcelos). **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 08 maio 2015.